

A DESCOBERTA DO BRASIL E A INVENÇÃO BARROCA DO ESPAÇO

*Melânia Silva de Aguiar**

RESUMO

Considerando que a visão do espaço não é sempre puramente objetiva ou cartográfica, e que o espaço sugere sempre significados subjetivos, procura-se evidenciar aqui, através de certa produção escrita dos primeiros séculos, uma invenção barroca do espaço, caracterizado pelas marcas de excelência e grandiosidade, que se manterão em escritos dos séculos XVIII e XIX.

O Brasil não foi descoberto em 1500. O feito de Cabral, aportando nesta ilha ou continente em 22 de abril de 1500, é apenas um na cadeia de descobrimentos sucessivos de um País, ainda em processo. Quando nos dias de hoje abrimos o jornal ou a televisão e somos informados de que uma tribo indígena em absoluto estado de primitivismo foi localizada numa área intocada de um recanto desconhecido da floresta imensa, somos alertados para esta realidade: cinco séculos após a aventura bem sucedida de Cabral, continuamos descobrindo o Brasil, tão perplexos diante do jornal ou da tela quanto aqueles marinheiros descortinando a paisagem extensa, o arvoredado, os fura-buxos, o monte arredondado, a areia branca, os homens tostados e semi-nus. Como nós, embalados pela probabilidade da existência de redutos nativos em solo brasileiro não pisado pelo homem branco, também aqueles marinheiros chegam embalados pelas histórias que correm sobre as ilhas desconhecidas do Atlântico. Desde o século IX, a ilha do Brasil, ou ilha de S. Brandão, figura na cartografia europeia, como ilha movediça, que se afasta a cada aproximação

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

de navios, despertando a imaginação dos que a buscaram ou dos que, em terra, sonham com seu mítico espaço. Descoberta e colonizada segundo a lenda por São Brandão, monge irlandês que teria partido de sua terra no ano de 565, a origem celta do nome *Brasil* (segundo alguns estudiosos proveniente de *bress*, de onde também vem o verbo inglês *to bless*, abençoar), levaria ao significado que ainda hoje permanece no imaginário de nossa gente: país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza...

Se o encantamento da descoberta de 1500 foi grande, como nos atestam inúmeras passagens dos três documentos oficiais do acontecimento, a **Relação do piloto anônimo**, a **Carta de Caminha** e a do físico e astrônomo da esquadra, Mestre João, a obsessiva busca da Índia e suas especiarias ocupou prioritariamente a atenção dos portugueses, ficando a Ilha de Vera Cruz, assim nomeada a nova terra, à espera de outras descobertas em seu espaço. Contribuiu para este “desprezo” pela nova terra o relatório escrito por Américo Vespúcio ao rei D. Manuel, após viagem ao Brasil em 1502. Dizia Vespúcio:

Nesta costa, não vimos nada de proveito, exceto uma infinidade de árvores de pau-brasil (...) e já tendo estado na viagem bem dez meses, e visto que nessa terra não encontrávamos coisa de minério algum, acordamos nos despedirmos dela. (Bueno, 1998, p. 124)¹

A **Carta de Pero Vaz de Caminha** esteve perdida nos arquivos portugueses por mais de três séculos; somente em 1773 foi descoberta na Torre do Tombo e em 1817 publicada pela primeira vez. A **Carta de Mestre João**, encontrada por Varnhagen em 1843, também nos arquivos da Torre do Tombo, redescobre mais uma vez o Brasil. Porque cada documento encontrado é uma redescoberta do País, atizando a imaginação e levantando conjecturas, como a tese da intencionalidade ou da causalidade do descobrimento. A nau de Gaspar Lemos, encarregada de levar a el-Rei as amostras da terra – aves, pedras, arcos, flechas, as primeiras toras de pau-brasil – encarregou-se também de transportar as dezenas de cartas particulares dos soldados e marinheiros a seus familiares. Elas poderiam ser, se o tempo as houvesse conservado, elementos fantásticos para novas descobertas, na descrição subjetiva e certamente emocionada dos missivistas. De qualquer forma, com os documentos oficiais divulgados no século XIX, a história vai sendo escrita e reescrita, e o País, já no Segundo Reinado, tem pressa de conhecer, de desvendar os seus mistérios.

A escrita da história pode ser tão subjetiva quanto a ficção. Se a presença de documentos comprobatórios dos fatos leva-nos à suposição de estar em solo firme, de verdade segura, a própria seleção destes documentos e sua interpretação são fatores

¹ Citado por Eduardo Bueno (1998).

de subjetividade. Cada tese nova é um novo olhar, e nos vemos assim, no mundo da escrita, sempre presas de visões particulares.

O século XVI no Brasil não foi pródigo em escritos. Excetuando a produção poética de Anchieta, as obras de Pero de Magalhães Gândavo – **Tratado da terra do Brasil e História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**, de 1576 – e ainda, de Gabriel Soares de Sousa, o **Tratado descritivo do Brasil**, de 1587, publicado muito tempo depois, não há muito a ressaltar. No século seguinte, sim, na transição para uma concepção barroca de mundo, vamos encontrar uma produção maior, onde a linha demarcatória entre documento e ficção fica ainda mais tênue, com o predomínio da imaginosa visão de um Paraíso terreal enfim descoberto.

O espaço humano sempre foi significativo, lembra Barthes. O homem sempre o carregou de significados, que não se confundem com os do geógrafo ou os do cartógrafo. Também para os escritores dos primeiros tempos, o espaço é significativo.

A **Prosopopéia**, de Bento Teixeira, e o **Diálogo das grandezas do Brasil**, de Ambrósio Fernandes Brandão, de inícios do século XVII, período em que o Brasil é parte do Império Espanhol, já apontam para um significado persistente, indicando no próprio título as “grandezas” da terra, muito a propósito para o momento vivido e muito de acordo com a visão barroca de mundo. Nessas obras já se pode encontrar aquele “Brasil confeitado”, de que nos fala Gracián, em sua obra “El criticón”, e que aí vem mencionado no diálogo entre os franceses e a Fortuna. No diálogo, os franceses se queixam à deusa Fortuna da pouca sorte que tiveram na conquista de territórios americanos, enquanto aos espanhóis tocaram terras maravilhosas, “onde os rios são de mel, os penhascos de açúcar, os terrenos de “biscochos”; e com tantos e saborosos doces é o Brasil um paraíso confeitado”.² Na **Prosopopéia**, Bento Teixeira louva as belezas da terra, e no **Diálogo das grandezas**, é Brandônio quem se encarrega de tecer encômios à terra brasílica, contribuindo para a imagem de um “Brasil confeitado”.

Essa imagem de espaço de felicidade e abundância persistirá em inícios do setecentos, e o poema “À Ilha da Maré – termo desta cidade da Bahia”, de Manuel Botelho de Oliveira, presente em sua obra **Música do Parnaso**, revelará novos contornos do País, na invenção e reinvenção da escrita. Só que aqui, mais particularmente, o encantamento ganha a forma de uma tensão explícita, no binarismo Brasil/Portugal, alimentado pela nativismo latente. Fundada no contraste e na geometrização do espaço discursivo, a literatura produzida no Brasil ao longo do século XVII e princípios do XVIII confirma exemplarmente as palavras de Foucault:

² Citado pelo editor, em nota de rodapé, no livro de Lezama Lima (Lima, 1988, p. 85).

No início do século XVII, nesse período que, justificada ou injustificadamente se denominou barroco, o pensamento deixa de se mover no elemento da semelhança. A similitude já não é a forma do saber, mas antes a ocasião do erro, o perigo a que nos expomos quando não examinamos o local mal iluminado onde se estabelecem as confusões.³

No poema “À Ilha da Maré”, descrevendo inicialmente a forma da ilha:

*Jaz em oblíqua forma e prolongada
A terra de Maré toda cercada
De Netuno (...)*

com que o apelo visual busca, quase cartograficamente, delinear o espaço, o Autor obedecerá ao esquema binário preferencial do Barroco, naquela espécie de geometria material de que nos fala Gérard Genette; a transposição para o discurso de uma polaridade espacial positivo/negativo, tão presente por exemplo em Vieira, em Gregório de Matos e em toda a literatura do XVII, onde as semelhanças recebem valores de diferença, e as diferenças de contraste, fica evidenciada no poema de Botelho de Oliveira. Veja-se aqui o louvor às frutas, comparativamente às da Europa, já anunciado em Gândavo e repetitivo na produção escrita posterior:

*As laranjas da terra
Pouco azedas são,
antes se encerra
Tal doce nestes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos limões, todas azedas. (...)*

*Os limões não se prezam,
Antes por serem muitos se desprezam.
Ah! Se Holanda os gozara!
Por nenhuma província se trocara. (...)*

*As uvas moscatéis são tão gostosas,
Tão raras, tão mimosas
Que se Lisboa as vira, imaginara
Que alguém dos seus pomares as furtara. (...)*

*As romãs rubicundas quando abertas
À vista agrados são, à língua ofertas,
São tesouro das frutas entre afagos,
Pois são rubis suaves os seus bagos. (...)*

*As frutas quase todas nomeadas
São ao Brasil de Europa trasladadas,
Por que tenha o Brasil por mais façanhas
Além das próprias frutas, as estranhas. (...)*

³ Veja-se em Foucault, Capítulo III, o sub-capítulo “A imaginação da semelhança”. (Foucault, 1966, p. 97-103)

*Tenho explicado as frutas e legumes,
Que dão a Portugal muitos ciúmes;
Tenho recopilado
O que o Brasil contém para invejado,
E para preferir a toda a terra,
Em si perfeitos quatro AA encerra.
Têm o primeiro A, nos arvoredos,
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
Têm o segundo A, nos ares puros
Na tempérie agradáveis e seguros;
Têm o terceiro A, nas águas frias,
Que refrescam o peito e são sadias;
Têm ainda o açúcar deleitoso,
Que é do Mundo o regalo mais mimoso.*

*São pois os quatro AA por singulares
Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares. (...)*

*Esta Ilha de Maré ou de alegria,
Que é termo da Bahia,
Têm quase tudo quanto o Brasil todo,
Que de todo o Brasil é breve apodo (...).⁴*

Outro aspecto das grandezas da terra ficará evidenciado em Minas Gerais, no relato de 1734, da autoria de Simão Ferreira Machado, a propósito da procissão do “Triunfo Eucarístico”, realizada em Vila Rica no ano anterior. No relato, o Autor se entusiasma com os festejos comemorativos do traslado do Santíssimo Sacramento da Igreja do Rosário para a nova Matriz do Pilar, inaugurada nessa data. A alusão entusiasta ao aparato e à riqueza dos trajes e adereços dos participantes da procissão, representando figuras da mitologia e passagens bíblicas, ornados de pedras preciosas, ouro e prata, conduzindo carruagens e cavalos ajaezados com igual fulgor, numa época ainda de fausto das Minas, extrapola o simples relato documental para se transformar numa das principais peças testemunhais/literárias do tempo. Veja-se:

Excede as povoações de toda a América este opulento Hemisfério das Minas, onde avulta, mais que as riquezas, o fausto dos Templos, e a preciosidade dos Altares: e como o Sol, a cujas luzes ficam sombras de todos os astros os esplendores, a nobilíssima Vila Rica, mais que esfera da opulência, é teatro da Religião; deve-lhe Portugal grandiosos auxílios, e quantiosos reditos; (...) todo Mundo o copioso, e fino ouro, que recebe em seus Reinos (...).

E mais adiante:

Seguiam-se logo quatro figuras a cavalo, representando os quatro ventos, Norte, Sul, Leste, Oeste, vestidos à trágica. O vento oeste trazia na cabeça uma caraminhola de

⁴ Texto atualizado da edição do MEC/INL. (Oliveira, 1953, p. 125-136)

tisso branco, coberta de peças de prata, ouro e diamantes, cingida de uma peluta branca, matizada de nuvens pardas (...).

E ainda:

Não há lembrança, que visse o Brasil, nem consta, que se fizesse na América ato de maior grandeza, sendo tantos, e tão magníficos os que no espaço de duzentos anos com admiração do mundo todo tem executado seus generosos habitantes.⁵

Deslizando pelo espaço aberto das ruas, pode-se atribuir a essa procissão, na imaginação do Autor do relato e na nossa, as palavras de Hatzfeld:

(...) a Eucaristia, ou melhor, a nova devoção eucarística, o tema religioso central da época, é um elemento que contribui para a criação do espaço. A propósito deste grande sacramento da Igreja, Calderón constrói os "Autos sacramentais", com todos os seus temas bíblicos ou mitológicos. Em um deles (...) descreve uma procissão sacramental que vai de igreja em igreja, como um mar de luzes, uma serpente de fogo, um hieroglífico do tempo, que, em sua qualidade de Igreja Militante, encerra a igreja triunfante na Divina Eucaristia, em um círculo tão amplo como o mundo.⁶

Como se vê, os traços aqui presentes e os lembrados acima em Calderón justificam a aproximação, evidenciando a permanência entre nós, na sociedade mineradora do setecentos, de um Barroco retardatário, feérico, exuberante. Na verdade o Barroco, amando os grandes espaços, as catedrais imensas, encontra nas sociedades em formação do Novo Mundo um terreno propício a sua expansão e enraizamento. A esse respeito se expressa Lezama Lima, em sua linguagem tão característica:

Esse americano senhor barroco, autêntico primeiro instalado no que é nosso (...) aparece quando já se afastaram o tumulto da conquista e o parcelamento da paisagem pelo colonizador (...) Esse senhor barroco exige uma dimensão: a da sua grande sala, por onde entoa a festa, com todos os lustres multiplicando os seus fogos fátuos nos espelhos; (...)⁷

Instalado, pois, na América no momento crítico da constituição das identidades, o barroco marcará de forma mais acentuada que nas culturas de origem o cenário cultural americano, projetando-se no tempo. E mesmo quando a linguagem atenua as marcas dicotômicas do discurso, outras marcas poderão estar presentes, como se vê no poema de Joaquim José Lisboa, de 1804, "Descrição curiosa das principais produções, rios e animais do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Gerais". Aqui, o Autor, que se diz "Pastor do Serro", se põe a louvar as maravilhas da terra. A pujança da natureza americana, exercendo seu fascínio sobre o europeu,

⁵ Veja-se a transcrição completa feita por Affonso Ávila. (Ávila, 1971, p. 239-253)

⁶ Trecho traduzido da edição espanhola. (Hatzfeld, 1973, p. 117)

⁷ Lezama Lima vê nos grandes espaços uma das características marcantes do barroco americano. (Lima, 1988, p. 62)

persistirá em nossos autores pelo tempo afora em expressões de perplexa admiração. Na “Descrição curiosa (...)”, de resolução formal muito simples e de motivação temática pouco ambiciosa, a região do norte de Minas Gerais é o centro da admiração textual. Abrindo o poema com uma visão panorâmica do País, onde fala genericamente de campos, bosques, matos, serras, clima, etc., o Autor inicia pelas frutas seu louvor mais particularizado da região. Evidentemente ele fala de um lugar definido, de um certo ponto do País, de uma perspectiva regionalista, estendendo os olhos ao espaço que o rodeia, mas descendo ao detalhe descritivo quando trata de aspectos que lhe são mais claramente familiares. Assim as frutas do tipo gabioba, grumixama, araticum, mangaba, caju, jatobá, etc. nos remetem a uma geografia específica na sucessão de vocábulos de raiz indígena, verdadeira festa para o paladar, o olfato, os ouvidos e os olhos. Esta festa de frutos tropicais, que evoca a obra que pela primeira vez, no dizer de Sérgio Buarque de Holanda, “conferiu cidadania poética à natureza brasileira”, a silva “À Ilha da Maré”, de Manuel Botelho de Oliveira, persistirá na descrição dos legumes, pratos típicos etc. Essa fartura, paraíso terreal, lembra a idade de ouro, de “leite e mel”, claramente referida na 18ª estrofe:

*Isto junto ao gênio dócil,
Da fiel, Brasília gente,
Faz uma idade excelente
Produce um tempo feliz.⁸*

Falando de uma poética do espaço, observa Bachelard que o espaço compreendido pela imaginação não é o espaço indiferente, “abandonado à medida e reflexão do geômetra. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”. E conclui: “Em particular, quase sempre ele atrai”.⁹

Cercados de espaços inabitados, marcados pelo gosto da imensidão e do infinito, nossos primeiros escritores reinventam o espaço com as “parcialidades da imaginação” e o povoam amorosamente, fazem-no atraente. Como o poeta, poderão dizer:

*E eu me crio com um traço de pena
Mestre do Mundo,
Homem ilimitado.¹⁰*

⁸ Observe-se a referência à fidelidade brasileira, bem oportuna para a época, próxima aos episódios da Inconfidência Mineira. (Lisboa, 1806, p. 50)

⁹ Bachelard chama a atenção para a confusão feita com frequência entre imagem poética e metáfora. (Bachelard, s.d., p. 16)

¹⁰ Albert Birot, citado por Bachelard. (Bachelard, [19--], p. 21)

RESUMEN

Si consideramos que la visión del espacio no es siempre puramente objetiva o cartográfica, y que el espacio sugiere siempre significados subjetivos, se intenta evidenciar aquí, a través de cierta producción escrita de los primeros siglos en Brasil, una invención barroca del espacio, caracterizado por las marcas de excelencia y grandiosidad, que se mantendrán en escritos de los siglos XVIII y XIX.

Referências bibliográficas

- ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, [19--].
- BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugalia, 1966.
- HATZFELD, Helmut. *Estudios sobre el Barroco*. Madrid: Gredos, 1973.
- LIMA, José Lezama. *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LISBOA, Joaquim José. *Descrição curiosa das principais produções, rios, e animais do Brazil, principalmente da capitania de Minas Gerais*. Lisboa: Imprensa Régia, 1806.
- OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Música do Parnaso*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1953.